



Eixo: Política Social e Serviço Social.

Sub-eixo: Crise, trabalho e tendências contemporâneas das políticas sociais no capitalismo.

A NATUREZA DO LUGAR E DO TERRITÓRIO¹

EMANUEL LUIZ PEREIRA DA SILVA²
MARIANGELA BELFIORE WANDERLEY³

Resumo: Partimos do chão concreto das Políticas, construindo um caminho de análise, a partir das diversas perspectivas de lugar e território como ponto de partida. Temos como pressuposto a crítica de Milton Santos a globalização e aos processos que atuam no mundo acentuando e aprofundando desigualdades sócio-espaciais. O território, hoje, pode ser formado de lugares contíguos e de lugares em rede: as redes constituem uma realidade nova que, de alguma maneira, justifica a expressão verticalidade.

Palavras-chave: Lugar; Território; Proteção Social.

Abstract: We start from the concrete ground of Policies, building a path of analysis from various perspectives of place and territory as a starting point. Milton Santos's critique of globalization and the processes that are operated around the world accentuate and deepen socio-spatial inequalities. The territory today can be formed of contiguous places and places in a network: networks constitute a new reality that, in some way, justifies the expression verticality.

Keywords: Place; territory; Social protection.

1 INTRODUÇÃO

Vamos para o terreno porque o que lá encontramos é profundamente inimaginável a partir da poltrona⁴.

¹ Reflexões desenvolvidas a partir da tese intitulada “Territorialidades e Proteção Social: Conflitos Socioambientais Indígenas Vivenciados na Pesca Artesanal no litoral norte da Paraíba”, esse constructo é fruto do Pós-doutoramento em Serviço Social no PEPGSS da PUC/SP sob a supervisão da Prof^a. Dra. Dirce Koga.

² Professor com formação em Serviço Social. Universidade Federal da Paraíba. E-mail: <mariangela.belfiore@gmail.com>

³ Professor com formação em Serviço Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

⁴ Regna Darnell exprime nesta epígrafe a *História da Antropologia Americanista*, editada em 2001 sob o título *Invisible Genealogies*. Mostra que uma antinomia centenária, com a qual Malinowski marcou para sempre a prática da profissão de antropólogo, continua vigente e com admirável saúde: entre a poltrona e o terreno, os grandes intérpretes da antropologia contemporânea não têm dúvida em defender a via que arrancou a disciplina aos confortáveis e diletantes sofás do gabinete acadêmico.

Ponho os pés na terra para senti-la e gerar, a partir desse contato, a tentativa das primeiras compreensões das escalas territoriais que se apresentam em um mesmo lugar. Decisões precisam ser tomadas, que fazer?

Escrever significa entrar, querendo-se ou não, no círculo do comentário. Este, por sua vez, é uma espécie de segregação da escrita e refere-se menos à inevitabilidade da leitura do que à fatalidade da releitura. Que se saiba, nenhuma escrita existente é capaz de escapar ao ato de ser relida e ao processo virtualmente interminável que com esse ato se desencadeia. Ora, se o risco daí derivado nos leva a redundar, enfim, num mero jogo de palavras se substituem mutuamente na mira de uma verdade textual, quanto mais o jogo se prolonga, mais parece uma miragem. Para a antropologia essa queda no circuito interpretativo representa a ameaça da sua reconversão em pura filologia.

Para fins didáticos e reflexivos partimos do chão concreto das Políticas como afirma Koga (2003), construindo um caminho de análise, a partir das diversas perspectivas de lugar e território como ponto de partida. Temos como pressuposto a crítica de Milton Santos a globalização e aos processos que atuam no mundo acentuando e aprofundando desigualdades sócio-espaciais em que o autor retoma com toda a sua energia peculiar dois conceitos da Geografia: o conceito de território e o conceito de lugar.

O autor propõe que o “espaço geográfico” (sinônimo de “território usado”) seja compreendido como uma mediação entre o mundo e a sociedade nacional e local, e assumido como um conceito indispensável para a compreensão do funcionamento do mundo presente. Ele chama atenção para o novo funcionamento do território, através de horizontalidades (ou seja, lugares vizinhos reunidos por uma continuidade territorial) e verticalidades (formadas por pontos distantes uns dos outros, ligados por todas as formas e processos sociais).

O território, hoje, pode ser formado de lugares contíguos e de lugares em rede: as redes constituem uma realidade nova que, de alguma maneira, justifica a expressão verticalidade. Mas além das redes, antes das redes, apesar das redes, depois das redes, com as redes, há o espaço de todos, todo

o espaço, porque as redes constituem apenas uma parte do espaço e o espaço de alguns. São, todavia, os mesmos lugares que formam redes e que formam o espaço de todos. Quem produz, quem comanda, quem disciplina, quem normaliza, quem impõe uma racionalidade às redes é o Mundo. Esse mundo é o do mercado universal e dos governos mundiais. O FMI, o Banco Mundial, o GATT, as organizações internacionais, as Universidades mundiais, as Fundações que estimulam com dinheiro forte a pesquisa, fazem parte do governo mundial, que pretendem implantar, dando fundamento à globalização perversa e aos ataques que hoje se fazem, na prática e na ideologia, ao Estado Territorial.

Convidamos ao leitor atento, a analisar o método pautado no território usado⁵ que é científico por tratar da reprodução social da vida dos sujeitos protagonista da história.

2 – AS ACEPÇÕES DE LUGAR E TERRITÓRIO

As acepções de “Lugar” são numerosas, visto que, “Lugar” comporta, tanto em português quanto em inglês (*place*), designando uma localidade, uma área determinada ou indeterminada ou mesmo a um espaço qualquer (SOUSA, 2015, p. 111).

Partindo do *Dicionário Houaiss da Língua portuguesa*, constatamos que os sentidos variam de “área de limites definidos ou indefinidos” a “conjunto de pontos caracterizados por uma ou mais propriedades”, como também, adentrando em outros sentidos geométricos abstratos, passam por “área apropriada para ser ocupada por pessoa ou coisa”, “assento ou espaço onde uma pessoa se põe como passageiro ou espectador”, e de tal modo que se segue nesta perspectiva de construção. Assim, “lugar” é muito mais do que o chão que, na concepção dos povos indígenas potiguar, “terra” quase tanto como “espaço”, um “termo valise”, chegando ao ponto de torna-se um *passe-*

⁵ Segundo SANTOS (1998, p. 24) “[...] devíamos tomar o território através de uma noção dinâmica, isto é, o território usado. Isso que é científico não é o território, é o território usado. E o espaço, que é uma forma de ver o território também, formado de sistemas de objetos e de sistemas de ações numa união indissolúvel e dialética.”.

partout, no âmbito do senso comum, sem contar os usos em discursos especializados.

Analisando o trabalho de John Agnew, Ulrich Oslender, em um admirável artigo, sintetizam assim os três aspectos principais ou significados da discussão geográfica em torno da ideia de *place* que seriam, a saber: *Location* [localização], *Locale* [de difícil tradução, mas imperfeitamente traduzível como substantivo “local”, porém sem relação com um nível escalar particular] e *sense of place* [sentido de lugar]. Com propriedade teórica nessa discussão, Oslender (2004) afirma que de forma generalista, *location* se refere à área geográfica físico-material e aos modos como ela é afetada pelos processos econômicos e políticos operando em uma escala mais ampla. Sendo assim, o autor explicita que o impacto de uma macro-ordem sobre um lugar e as maneiras pelas quais certos lugares são inscritos, afetados e tornados sujeitos aos condicionamentos das estruturas econômicas e políticas que, normalmente, se originam fora da própria área.

Esta apreensão de *location* adentra a concepção de um antídoto contra o subjetivismo ao discutir-se o lugar, e não como um rígido contexto dentro do qual as interações sociais são fixadas como ações predeterminadas esperando apenas para acontecer. Isso, portanto nos acautela com relação ao menosprezo tanto da estrutura quanto da escala, que é frequentemente observado nos tratamentos fenomenológicos do lugar, e contextualiza de modo relevante os lugares nos marcos de uma produção geral da escala geográfica enquanto um princípio central de organização, em conformidade com a qual ocorre a diferenciação geográfica (OSLENDER, 2004).

Ainda na análise de John Agnew e Ulrich Oslender apontam o segundo aspecto, o qual

Se refere aos quadros espaciais [*settings*] formais e informais nos quais as interações e relações quotidianas são construídas. No entanto, mais do que meros quadros físico-materiais [*physical setting*] de atividades, *locale* implica que esses contextos são ativamente e rotineiramente acionados por atores sociais em suas interações e comunicações quotidianas [...] (OSLENDER, 2004, p. 961-62).

O último aspecto toma por base a própria ideia de *locale*, edificou-se o conceito de “sentido de lugar” ou *sence place*, o qual

Se refere às maneiras como a experiência e a imaginação humanas se apropriam das características e qualidades físico-materiais [*physical characteristics and qualities*] da localização geográfica. Ele [o conceito de *sence of place*] captura as orientações subjetivas que derivam do viver em um lugar em particular como um resultado de processos sociais e ambientais interconectados, criando e manipulando relações flexíveis com o espaço físico-material [*physical space*]. As abordagens fenomenológicas do lugar, por exemplo, têm tendido a enfatizar os modos como os indivíduos e as comunidades desenvolvem ligações profundas com os lugares por meio da experiência, da memória e da intenção (RELPH, 1976; OSLENDER, 2004, p. 962)

De acordo com Souza (2015), a despeito da existência de várias acepções da palavra “lugar” e em que pese a existência de diversos aspectos, mesmo no âmbito da conceituação sócioespacial (exercício proposto por Agnew, retomado por Oslender e que, também em português, pode ser feito), há, porém, um sentido que se veio afirmando como mais específico, no plano conceitual, desde a década de 1970 e é aquele que interessa no presente estudo: o lugar como espaço percebido e vivido, dotado de significados, e com base no qual desenvolvem-se e extraem-se os “sentidos de lugar” e as “imagens de lugar”.

Na língua inglesa, com o vocábulo *place*, permanece sendo a língua em que essa acepção se estabeleceu mais firmemente, muito embora a Geografia brasileira também já esteja acostumada com ela. Ao passo que em alemão, a palavra *ort* não consegue, até hoje, carregar o sentido denso de espaço vivido, como em *place* ou mesmo em *lugar*.

O Território como conceito tem sua gênese nos discursos das ciências especificadas como naturais, tendo na atualidade forte uso na Geografia, nas Ciências Sociais, Ciências Humanas e Serviço Social. A emersão do termo consolida-se, nos avanços da proposta de Ratzel (1990), que além de trazer o debate territorial para a Geografia, o coloca como necessário à reprodução da sociedade e do Estado.

Para uma melhor compreensão do conceito de território; na busca da produção do conhecimento, alargamos as interações para uma construção acadêmico-científica multidisciplinar, da qual resultou o quadro objetivo das Principais referências e perspectivas de abordagem no estudo do Território (Figura 1).

O caminho metodológico e teórico trilhado nessa análise teórica e prática, nos possibilitou de forma sintética a elaboração do quadro acima, que nos remete às diferentes abordagens do território e à apreensão do movimento e da (i) materialidade. O território é apropriado e construído socialmente, resultado e condição do processo de territorialização; é produto do processo de apropriação e domínio social, inscrevendo-se num *campo de poder*, de relações socioespaciais, nas quais, a natureza exterior ao homem está presente de diferentes maneiras (SAQUET, 2003, 2001, 2004).

Conforme Silva (2016), a análise do território usado implica reconhecer que as formas materiais e imateriais de períodos passados condicionam as ações sociais atuais e seus respectivos projetos. A menos que possamos acreditar na ideia de que cada etapa de modernização seja sempre positiva para a totalidade dos sujeitos sociais, fica difícil não perceber que as rugosidades de momentos anteriores constituem um patrimônio que deve ser levado em conta para entendermos a localização dos eventos atuais (SANTOS, 1996; SILVA, 2016).

Tabela 1: Principais referências e perspectivas de abordagem

Principais referências e perspectivas de abordagem	Principais referências dos autores	Conceito de território	Abordagem	Principais mudanças no período
Francesco Indovina e Donatela Callabi	K. Marx	<ul style="list-style-type: none"> •produtoe condizione dele relazioni capitalistiche •uso e appropriazione dello spazio •valorizzazione del capitale •relazioni di dominazione 	<ul style="list-style-type: none"> •relazionale •Economia e Política. 	<ul style="list-style-type: none"> •material. •caráter político bem definido.
Giacomo Becattini	<p><i>Il distretto industriale</i>, Rosenberg & Sellier, 1979.</p> <p><i>Mercato e forze locali: il distretto industriale</i>, Il Mulino, 1987.</p> <p><i>Dal distretto industriale allo sviluppo locale</i>, B. Boringhieri, 2000.</p>	<ul style="list-style-type: none"> •área e relazioni social dos sujeitos: tecnologia, infraestrutura, redes, ideologias e identidade. •produto histórico. 	<p>storica</p> <ul style="list-style-type: none"> •relazionale. •Ênfase: Econômica <p>Política (distrito industrial -Marshall).</p>	<ul style="list-style-type: none"> •materialista, sem desconsiderar as experiências e ideologias.
Claude Raffestin	P. Monbeig , M. Foucault, H. Lefebvre, E. Soja, G. Deleuze, F. Guattari,	<ul style="list-style-type: none"> •fronteiras e frentes de ocupação/povoamento: economia e geopolítica •espaço modificado através do trabalho (construído) 	<ul style="list-style-type: none"> •relacional •Territorialização, Desterritorialização e Reterritorialização. •redes, tessituras e nós 	<ul style="list-style-type: none"> •materiale •(im)materiale •desiderio •paesaggio • caráter político, de

Giuseppe Dematteis	F. Farinelli, J. Gottmann E. Turri, A. Turco	<ul style="list-style-type: none"> •relações de poder: Territorialidades - autonomia •signos da vida quotidiana •redes de circulação e comunicação; tessituras e <i>nós</i>. •<i>Territorialização, Desterritorialização e Reterritorialização</i>. •produto histórico, material. 	<ul style="list-style-type: none"> •estrutural-construtivista •Multidimensional: Economia, Política, Cultura e Natureza. 	transformação
	L. Gambi P. Claval D. Harvey M. Quaini A. Magnaghi J. Gottmann C. Raffestin H. Lefebvre	<ul style="list-style-type: none"> • produto histórico de relações sociais(transescalaridade; redes e fluxos). •distribuição, dispersão e valorização; área. •condições e realidade material •identidade; lugar para conquista de autonomia e desenvolvimento. •<i>milieu= meio</i>. •interações com o ambiente. •patrimônio da humanidade. 	<ul style="list-style-type: none"> •histórica •relacional (relações sociais) •área-rede •rede de lugares e fluxos •Multidimensional: Economia, Política, Cultura, Natureza. •representações. •desenvolvimento local. •reterritorialização. 	<ul style="list-style-type: none"> • (im)materiale. •materiale (materialista). • (im)materiale. •natura, luogo e sviluppo locale. •<i>SLoT</i>). •caráter político, de governança.
Massimo Quaini	K. Marx F. Engels E. Reclus L. Gambi G. Dematteis	<ul style="list-style-type: none"> •produto de relações sociais historicamente definidas = relações de trabalho com subordinação e expropriação vinculadas à reprodução ampliada do capital • homem= sujeito histórico que 	<ul style="list-style-type: none"> •histórica •relacional (geo-histórica) •dialética história-natureza •Economia, Política e Natureza 	<ul style="list-style-type: none"> •material paisagem •lugar •caráter político bem definido •desenvolvimento utopia, gestão, estética e

<p>Arnaldo Bagnasco</p>	<p>A. Gramsci</p>	<p>pensa, trabalha, cria e organiza o território</p> <ul style="list-style-type: none"> • redes • complexo, estratificado, articulado, apropriado e produzido socialmente • território-paisagem • histórica • relacional <p>(geo-histórica)</p> <ul style="list-style-type: none"> • dialética história-natureza • Economia, Política e Natureza. • material <p>paisagem</p> <ul style="list-style-type: none"> • lugar • caráter político bem definido • desenvolvimento utopia, gestão, estética e intervenção ecológica 	<p>• neo-weberiana</p>	<p>intervenção ecológica.</p> <p>• híbrida</p>
-------------------------	-------------------	---	------------------------	--

Gilles Deleuze e Félix Guattari	M. Weber	<p>específicas: Economia, Política e Cultura.</p> <ul style="list-style-type: none"> •articulações territoriais entre as classes sociais •como processo espacio-temporal <p>•lugar e rede de lugares, dispersão e difusão</p> <p>•urbanização e industrialização difusas - pequenas e médias empresas organizada em rede de cooperação</p> <p><i>Tre Italia</i>: la problematica territoriale dello sviluppo italiano, Il Mulino, 1977.</p>	<p>(multidimensional)</p> <ul style="list-style-type: none"> •relacional •histórica •área-rede •rede de lugares •Economia, Política e Cultura. <p><i>Problematiche dello sviluppo e articolazione dell'analisi</i>: un paradigma per l'analisi territoriale, Feltrinelli, 1978.</p>	<ul style="list-style-type: none"> •território •spazio e luogo
	K. Marx M. Foucault H. Lefebvre M. Dobb S. Amin...	<ul style="list-style-type: none"> •movimento, fluxos na rotação do capital •codificação e decodificação, signos •relações de poder •transformações sociais e <i>TDR</i>(des-re-territorialização) 	<ul style="list-style-type: none"> •relacional •objetiva e subjetiva E-C •redes e <i>TDR</i> 	<ul style="list-style-type: none"> •(im)materiale
	Jean Gottmann	A. Demangeon I. Bowman Platone	<ul style="list-style-type: none"> •formação histórica do Estado: soberania, segurança e 	<ul style="list-style-type: none"> •histórica •relacional

Aristoteles
Direito internacional

oportunidade (área)
•compartimentação e uso político do
espaço
•tecnologia, circulação (redes) e
iconografias
•área com autoridade

•área-rede
•Economia e Política

•rete

Fonte: SILVA, Emanuel Luiz Pereira da. **Territorialidades e Proteção social: Conflitos Socioambientais Indígenas Vivenciados na Pesca Artesanal no litoral norte da Paraíba**. 229p. 2016. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Faculdade de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

Na atualidade, a aplicação do conceito de território apresenta-se, de formas diferenciadas, pois não só os contextos históricos se alteraram drasticamente, como a própria ciência buscou novos paradigmas, novos métodos e conseqüentemente novos problemas demandados por condições objetivas do chão concreto da vida.

Continuando o constructo delineado a partir das ideias propostas por Ratzel “organismos que fazem parte da tribo, da comuna, da família, só podem ser concebidos junto a seu território” (RATZEL, 1990, p. 74), e ainda, “do mesmo modo, com o crescimento em amplitude do Estado, não aumentou apenas a cifra dos metros quadrados, mas, além disso, a sua força, a sua riqueza, a sua potência” (RATZEL, 1990, p. 80). De fato, desenha-se claramente que o autor defende a tese de que o território é um espaço necessário a qualquer população e seu Estado para evoluir, em todas as suas dimensões e sentidos.

Notamos sua aproximação com os preceitos de Darwin (evolucionismo) e a compreensão do território humano muito próximo do território de outras espécies, objeto da Biologia. Para Darwin então, o território é o espaço desde o qual uma família encontra sua subsistência, até o espaço necessário à evolução de um Estado, que deve assim, sempre pensar na aquisição de mais espaços territoriais.

Outro autor chave nesta discussão é Raffestin. Contrapondo-se à ideia de Ratzel (1990), ele começa sua tese analisando-o: “o quadro conceitual de Ratzel é muito amplo e tão naturalista quanto sociológico, mas seria errôneo condená-lo por ter "naturalizado" a geografia política, algo que às vezes ocorreu.” (RAFFESTIN, 1993, p. 2). Logo, a proposta de Raffestin é repensar o conceito de território deixado por Ratzel e pela Geografia Política Clássica.

Para o autor, as bases para a compreensão do território como uma relação do homem com o espaço, estão no poder, como coloca, o território “(...) é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível” (RAFFESTIN, 1993, p. 143). Trata-se de “(...) um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por conseqüência, revela relações marcadas pelo poder” (RAFFESTIN,

1993, p. 144). Na concretização de um programa, o ator idealiza um projeto e busca assegurar “a ligação entre os objetivos intencionais e as realizações” (RAFFESTIN, 1993, p. 145), processo que se desenrola através de embates no plano das relações sociais; afinal, como defende Foucault (2009 b, p. 105), “(...) não há poder que se exerça sem uma série de miras e objetivos”.

Em consonância com Foucault, Raffestin (1993) considera o poder como consubstancial, “parte intrínseca de toda relação” (RAFFESTIN, 1993, p. 52), pois “se manifesta por ocasião da relação” (p. 53). O poder “é um processo de troca ou de comunicação quando, nas relações que se estabelecem, os dois polos fazem face um ao outro ou se confrontam” (p. 52). Assim como Foucault, Raffestin (1993) admite a existência da resistência, considerando-a como a expressão do “(...) caráter dissimétrico que quase sempre caracteriza as relações” (RAFFESTIN, 1993, p. 52). O problema é que Foucault (2009b) não entende as relações de poder como “uma oposição binária entre dominadores e dominados” (RAFFESTIN, 1993, p. 104), mas como uma multiplicidade de correlações de forças, que “se exerce a partir de inúmeros pontos e em meio a relações desiguais e móveis” (FOUCAULT, 2009b p. 104).

A partir da célebre produção *Por uma geografia do poder*, Claude Raffestin tem como uma de suas finalidades romper com o pensamento da geografia política clássica, segundo a qual o Estado é a única instituição dotada de poder. Dessa forma, Raffestin não comete o erro de uma leitura unívoca e unilateral da realidade social, como bem coloca Kosic (1986) na tese da pseudoconcreticidade⁶. Sendo assim, demonstra-se que existem outras organizações dotadas de poder político, pois todo o conteúdo é político (GALVÃO, 2009).

3 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ponto de chegada de nossa reflexão, afirma e revela a nossa aceção sobre lugar e território em plena consonância com Milton Santos, de que o

⁶ Cf. KOSIK, Karel. **Dialética do Concreto**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

lugar independentemente de sua dimensão, constitua-se em sede da resistência da sociedade civil, mas nada impede que aprendamos as formas de estender essa resistência às escalas mais altas.

Para isso, é indispensável insistir na necessidade de conhecimento sistemático da realidade, mediante o tratamento analítico desse seu aspecto fundamental que é o território (o território usado, o uso do território). Antes, é essencial rever a realidade de dentro, isto é, interrogar a sua própria constituição neste momento histórico. Seu entendimento é, pois, fundamental para afastar o risco de alienação, o risco da perda do sentido da existência individual e coletiva, o risco de renúncia ao futuro.

Milton Santos coloca que a totalidade para a compreensão da realidade deve ser analisada, a partir de três escalas: *primeira escala* é a totalidade do modo de produção, o espaço geográfico; *segunda escala* é a totalidade da formação socioespacial, o território usado; *terceira escala* que se refere à totalidade do cotidiano, o lugar.

O lugar é onde ocorre a dialética do território entre as redes e os lugares contíguos. Nos lugares também ocorre a dialética entre verticalidades e horizontalidades, racionalidades e contra racionalidades, solidariedades organizacionais e solidariedades orgânicas, enfim, entre os agentes do circuito superior que tem como base, alto grau de tecnologia, capital e organização. De outro lado tem-se o circuito inferior com um nível menor dessas variáveis.

Tal êxito do autor demonstra que em seu pensamento não havia uma preocupação em seguir uma corrente filosófica. Acima disso, Milton Santos procurou criar, produzir e desenvolver um método de análise geográfico tendo como base a dialética.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Rio de Janeiro: Vozes, 2009b.

GALVÃO, A.R.G. et al. O Território e a Territorialidade: contribuições de Claude Raffestin. In: SAQUET, M.A.; SOUZA, E.B.C. de. (Orgs.) **Leituras do conceito de território e de processos espaciais**. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p.33-46.

KOSIK, Karel. **Dialética do Concreto**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
KOGA, Dirce. **Medidas de Cidades: entre Territórios de Vida e Territórios Vividos**. São Paulo: Cortez, 2003. 299p

OSLANDER, Ulrich. Fleshing out the geographies of social movements: Colombia's Pacific coast black communities and the "aquatic space". **Political Geography**, n. 23, p. 957-985, 2004.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

RATZEL, Friedrich. Geografia do homem (Antropogeografia). In: MORAES, Antônio Carlos R. (Org.); FERNANDES, Florestan (Coord.). Ratzel. São Paulo: Ática, 1990. P. 32-150. (Col. Grandes Cientistas Sociais, 59).

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SILVA, Emanuel Luiz Pereira da. **Territorialidades e Proteção social: Conflitos Socioambientais Indígenas Vivenciados na Pesca Artesanal no litoral norte da Paraíba**. 229p. 2016. Tese (Doutorado em Serviço Social)–Faculdade de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

SAQUET M. **Os tempos e os territórios da colonização italiana**. Porto Alegre: EST Edições, 2003/2001.

_____. A abordagem territorial: considerações sobre a dialética do pensamento e do território. In: SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE MÚLTIPLAS TERRITORIALIDADES, 1., 2004a, Canoas. **Anais...** Canoas/Rio Grande do Sul: ULBRA/UFRGS, 2004a.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócioespacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SANTOS, M. Entrevista em Caros Amigos. **Caros Amigos**, São Paulo, n. 17, ago 1998.